
A Questão da Materialidade em Transmissões Religiosas no Youtube no Decorrer da Pandemia de Covid-19¹

Alessandra Cristina GUIMARÃES²
Carlos Eduardo de Souza AGUIAR³
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

Com a pandemia do novo coronavírus e o imperativo do distanciamento social, o campo religioso, em suas diferentes manifestações, deslocou-se de modo mais incisivo para o ambiente digital. Esse deslocamento forçado exigiu adaptações e aperfeiçoamentos, mesmo de religiões com presença digital bastante tímida. Esta comunicação visa analisar e compreender as transformações plásticas percebidas, durante o confinamento, de transmissões de cultos da comunidade Nova Semente (São Paulo), ligada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A transformação plástica na transmissão aponta que o uso da tecnologia e recursos de comunicação dentro de rituais religiosos favorecem uma experiência religiosa mais imersiva indicando uma transformação na práxis religiosa pós-pandêmica.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologia; religião material; transmissões; youtube, igreja adventista do sétimo dia

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a humanidade se deparou com uma realidade que há pelo menos cem anos o planeta terra não vivia: uma pandemia. Contudo, diferentemente de qualquer outro surto pandêmico, a covid-19 encontrou um mundo conectado, interligado pela rede de computadores. Assim, atividades do cotidiano, como serviços religiosos, que tinham nas experiências digitais apenas uma possibilidade a mais voltada aos mais entusiastas das novas tecnologias, migraram exclusivamente para o digital, forçando a adaptação de milhares de pessoas.

Assim, instituições religiosas em todo o globo não tiveram opção quanto à manutenção dos seus serviços religiosos durante o distanciamento social, senão o deslocamento para o digital (ADAM; SBARDELOTTO, 2021, p. 44). Plataformas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: aleguimaraes7@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Cité. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero., e-mail: cadu.s.aguiar@gmail.com

como *Facebook*⁴, *Zoom*, *Instagram* e *Youtube* foram alguns dos suportes mais usados durante o tempo em que os locais de prática religiosa estavam fechados, sobretudo, por líderes cristãos-protestantes, com a intenção de transferir os cultos tradicionais para o on-line (CAMPBELL, 2020, p. 51, tradução nossa).

Muitos líderes da igreja se filmaram em santuários vazios, sozinhos, ou com alguns assistentes cantando salmos, oferecendo chamadas e respostas às leituras litúrgicas e olhando de perto para a câmera enquanto transmitem um sermão para seus membros. Seu objetivo parece ser oferecer aos membros um culto de adoração semelhante, mas na segurança de suas próprias casas. (CAMPBELL, 2020, p. 51, tradução nossa).

Pegas de forma desprevenida, as Igrejas foram forçadas a fazerem uma rápida adaptação para o ambiente digital, muitas vezes, improvisando estúdios e espaços. Por obrigatoriedade do distanciamento, as transmissões eram apenas um recurso alternativo de participação dos rituais, de modo que a necessidade de restringir as práticas religiosas a ambientes em rede, serviu como um catalisador do fazer igreja on-line, ao mesmo tempo, apresentou desafios, como conhecimento da tecnologia mais adequada para transmissão, ou ainda, recrutamento de pessoas especializadas para utilização de tecnologias adquiridas (CAMPBELL, 2021, p. 64).

Ao observar o fenômeno da adaptação compulsória da religião para práticas digitais durante a pandemia de covid-19, existe a tentação por olhar para tais usos tecnológicos como meros instrumentos necessários para dar continuidade aos rituais e atividades religiosas. No entanto, se entendermos esses recursos tecnológicos como constitutivos do ambiente do qual habitamos por meio do viés da ecologia das mídias, reconhecemos que qualquer mudança tecnológica promove transformações do ambiente, alterando padrões de percepções e experiências. O aforismo “o meio é a mensagem”, de Marshall McLuhan (1964), retrata bem a compreensão dos meios como ambiência, mostrando que a introdução de uma inovação tecnológica faz o ambiente e nós mesmos sermos alterados (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019, p. 29).

⁴ Na primeira semana do mês de abril de 2020, as lives espirituais em páginas no Facebook bateram recorde com o maior número de transmissões desde o início da métrica. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/05/08/lives-religiosas-batem-recorde-na-pandemia-com-ajuda-de-padres-cantores-veja-como-assistir.ghtml>> Acesso em: 22 abr 2022.

As novas tecnologias alteram as estruturas de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o carácter de nossos símbolos: as coisas em que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena no qual os pensamentos se desenvolvem (STRATE; BRAGA; LEVINSON apud POSTMAN, 1994, p. 29).

Assim, é possível dizer que toda e qualquer incorporação tecnológica digital e suas interfaces, dentro da manifestação religiosa, torna-se elemento material, fundamental para a construção da experiência religiosa. Desta forma, esta comunicação busca agregar os aparatos tecnológicos à abordagem da cultura material, que já enxerga objetos, texturas, cores, sabores e outros elementos não palpáveis como primordiais na maneira de aprender, interpretar e agir no mundo (SOUZA, 2019, p. 63). Na questão da materialidade digital relacionada com a religião, Evolvi (2022) acrescenta que “é útil pensar na mídia digital em termos materiais, porque ela pode ajudar as pessoas a se relacionarem com o transcendental nas práticas de mediação, incluindo tecnologias materiais e estéticas visuais” (EVOLVI, 2022, p. 6, tradução nossa).

O objetivo deste artigo é analisar as transmissões de cultos realizadas por uma comunidade evangélica na cidade de São Paulo, a comunidade Nova Semente, ligada à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nosso recorte temporal contempla transmissões ocorridas em 2020, 2021 e 2022. Será analisado o culto principal desta comunidade, que foi transmitido aos sábados pela manhã no canal da igreja no *Youtube*. Entendendo que os aparatos tecnológicos são parte essencial para formar a experiência religiosa, sob o olhar da materialidade, buscamos compreender quais foram as implantações e ajustes na plástica da transmissão de cultos ao longo do isolamento social.

MÍDIA COMO AMBIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

A relação entre técnica e religião não é instrumental, sobretudo as técnicas de comunicação ou mídias. Começando pela oralidade, passando pela escrita e os meios de difusão massiva, essas instâncias mediadoras da comunicação restabelecem e reorganizam nosso espaço social e a forma como habitamos o mundo (BRIGGS; BURKE, 2004). Com o advento das tecnologias digitais e em rede e o estabelecimento da cultura digital, a vida social foi sendo reformulada, e suas práticas rotineiras agregando aparatos digitais ao cotidiano, inclusive no que concerne ao campo religioso.

Assim, se as tecnologias não são neutras, a introdução de tecnologias na sociedade produz transformações globais (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019). Diante disso, podemos afirmar que as tecnologias não são meros instrumentos, adaptáveis ao que bem entende o agenciamento humano, como bem destacado pela filosofia da tecnologia de Martin Heidegger que nos alerta da inconveniência, para não dizer cegueira, em atrelar a reflexão da técnica exclusivamente a utilidade. (HEIDEGGER, 2007). Assim, a técnica, incluindo os meios de comunicação, participam ativamente na relação com o sagrado e a maneira como se é experienciada essa relação (AGUIAR, 2014).

O pensamento do filósofo alemão atravessou o continente e foi tensionado no campo da comunicação por Marshall McLuhan que, assim, como Heidegger, nega o caráter exclusivamente instrumental dos objetos técnicos, no caso, o uso instrumental das mídias. Negar o caráter instrumental de uma mídia é um convite para que se olhe para as mudanças técnicas da sociedade de uma forma ampla, é rejeitar a cegueira que o conteúdo de uma mídia traz como seu fim, é também combater o reducionismo das mídias à simples aparatos técnicos, com implementação para um fim. Pois é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (MCLUHAN, 1964, p. 23). A forma ecológica de encarar a mídia faz com que olhemos para além do conteúdo, mas para o ambiente no entorno daquele meio:

Os meios de comunicação não são apenas tubos ou canais. A teoria da mídia tem algo tanto ecológico quanto existencial a dizer. Os meios de comunicação são mais do que as instituições audiovisuais e impressas que se esforçam para preencher nossos segundos vazios com estímulos de programação e publicidade; eles são nossa condição, nosso destino, e nosso desafio. Sem meios, não há vida. Somos mediados por nossos corpos; por nossa dependência de oxigênio; pela história antiga da vida escrita em cada uma de nossas células; pela postura ereta, a união sexual de pares e a domesticação do fogo; pela linguagem, escrita e metalurgia; pela agricultura e a domesticação de plantas e animais; pela elaboração de calendários e astronomia; pela imprensa, a revolução verde e a Internet. Não estamos rodeados apenas pelos artefatos ricos em história de inteligência aplicada; também somos tais artefatos. A cultura é parte de nossa história natural. (PETERS, 2015, p. 52, tradução nossa.)

É possível compreender, portanto, que o ambiente congrega um sistema de mensagens complexo, que influencia diretamente no modo no qual o ser humano pensa,

sente e se comporta (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019). Neil Postman, autor do termo “ecologia das mídias”, afirmou em seu livro *Tecnopólio* que novos aparatos tecnológicos mudam concepções estabelecidas, alterando aquilo que entendemos que é. Segundo Postman (1994), a tecnologia domina e redefine terminologias importantes, como o conceito de liberdade, verdade, inteligência, fato, sabedoria, memória, história. Além dessas terminologias citadas pelo autor e caras para a sociedade, acrescentamos a religião, que tem experimentado profundas transformações com as novas tecnologias digitais de comunicação.

Uma forma de compreender processos midiáticos é a partir de suas materialidades, uma vez que as atividades comunicativas nada mais são do que circunstâncias materiais de apropriação dos meios. Assim, é possível dizer que “qualquer ato comunicacional está necessariamente situado em um suporte material que formata/configura a mensagem e a própria atividade comunicativa” (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019, p. 21), conseqüentemente, qualquer mudança de estrutura promove uma mudança da percepção e da interação.

MATERIALIDADE PLÁSTICA NOS CULTOS DIGITAIS

Para construir o tecido entre mídia-religião-materialidade, recorreremos a autores que se debruçam nessa intersecção e que negam a justificativa dos meios de comunicação como meros instrumentos. Birgit Meyer, pesquisadora da Utrecht University, dedica-se ao estudo da Religião Material, sobretudo destacando a influência da mídia nas práticas religiosas. Para entender como o divino e transcendental são efetivados pela mediação, Meyer (2006) cunhou a noção de “formas sensoriais” para referenciar as práticas que ajudam a organizar e estruturar o acesso ao transcendental. Essas formas são transmitidas e partilhadas, criando conexões entre fiéis em práticas religiosas específicas. Da perspectiva material, essas “formas sensoriais” consideram as palavras, as coisas e as imagens como mediações da experiência religiosa.

Na medida em que as coisas mobilizam sensações individuais e coletivas no contexto das mediações que são operadas, a religião pode ser vista como uma prática de mediação, sendo as mídias - no sentido próprio de “meios” - intrínsecas a ela (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 62). Em termos práticos, objetos e elementos usados pelas religiões para promover a conexão com o divino, como a

eucaristia, o vinho, a água batismal, etc. Falando em técnicas modernas, a eletricidade, a amplificação sonora, as projeções também figuram em coisas - e a palavra “coisa” é usada propositalmente, pois, na cultura material as “coisas” importam - essenciais para o acesso ao sagrado. Não só isso, mas a inserção desses meios nas práticas religiosas mudou toda a experiência religiosa em comunidade e, também, individualmente. Ao apresentar exemplos etnográficos que mostram como a eletricidade, o microfone e o cinema transformam as experiências religiosas em Gana e no Brasil, Meyer (2006) afirma que:

A mídia, através de suas propriedades tecnológicas, desempenha um papel de protagonismo na criação de tais conexões, ela não se apresenta aos participantes “como tal”. Essas mídias parecem revestir a mediação de que fazem parte com certo senso de imediatismo, como se o uso de microfones ou filmes rendessem experiências extraordinárias que fariam as pessoas chegar mais perto do divino. (MEYER, 2006, p. 147)

Olhar a experiência da vida pela materialidade é reconhecer que existe o mundo das sensações e que essas sensações exercem grande influência na forma como nos colocamos nos ambientes. Os sujeitos formam-se a partir de práticas e de suas relações com os objetos (SOUZA, 2019, p. 64). Toda a estética de um ambiente tem influência na experiência desenvolvida individualmente, dessa forma, a religião deve ser olhada como uma experiência constituída por diversos elementos. No entanto, para religiões que nasceram a partir de um texto sagrado, institucionalizadas pela racionalização, de linha protestante, reconhecer que subjetividades compõem a experiência do sagrado pode ser um desafio. Mas além das fontes textuais, é através do corpo e objetos que os efeitos da crença e participação de rituais se manifestam. O ser humano é afetado e impactado pelos sentidos, por isso, o corpo, através dos sentidos, é parte fundamental da experiência com o sagrado. Limitar a experiência religiosa apenas ao envolvimento com o texto é reduzir a experiência transcendental. Na verdade, os textos religiosos frequentemente articulam ou tentam dar sentido verbal ao que é primeiramente experimentado e expresso fisicamente (CARP, 2007).

Religião é algo que pessoas (sempre corpos) fazem no mundo (sempre físico). É vista, ouvida, saboreada, cheirada e tocada [de maneiras particulares] e frequentemente envolve sentimentos,

sensações de espacialização, decência, temor, humor, valor e honra. (SOUZA apud HARVEY e HUGHES, 2018, p. 126).

Mais do que o estudo dos objetos, a cultura material reflete, em seu conjunto, a economia e a ecologia de uma coletividade, sendo um indicador seguro do desenvolvimento tecnológico de um grupo humano (RIBEIRO, 1985). No contexto temporal da análise deste artigo, os templos estavam fechados e os serviços religiosos aconteciam exclusivamente de forma digital. Não foram poucas as denominações cristãs protestantes que apresentavam ceticismo quanto ao uso da tecnologia de transmissão on-line, por ainda não legitimarem o digital como espaço possível de encontro com o Divino. Campbell (2020) rebate essa ideia limitadora afirmando que, com o digital, ao invés das igrejas oferecerem um culto unidirecional, por meio das plataformas digitais é possível realizar um serviço interativo, criando conexões pessoais mais profundas entre os membros da igreja e os líderes. (CAMPBELL, 2020, p. 52).

O *Youtube*, plataforma de compartilhamento de vídeos, foi uma das redes digitais usadas para fazer transmissões de rituais religiosos durante a pandemia. Segundo relatório da empresa sobre termos de busca realizados na plataforma, nunca houve um volume tão expressivo de pesquisas pelo termo “missa” e “culto” no Brasil quanto a partir do final de fevereiro de 2020, quando o vírus da covid-19 começou a impactar as práticas de vida.

MATERIALIDADE PLÁSTICA EM CULTOS VIA YOUTUBE

Quando falamos em aspectos materiais nas transmissões de cultos evangélicos pelo *Youtube*, é importante descrever elementos técnicos presentes nos rituais religiosos que estavam ali mesmo antes da pandemia. A eletricidade, equipamentos de som, projetores, aparatos de iluminação, mesas de transmissão, computadores, câmeras e telão são tecnologias que já faziam parte do ritual religioso da igreja mas que, antes, serviam primordialmente ao programa religioso presencial e, de forma secundária, as transmissões de cultos que aconteciam. Para esta comunicação, nos interessa descrever elementos digitais usados nas transmissões dos cultos pelo *Youtube* enquanto os templos estavam fechados, a fim de identificar corpo-materialidade imbricados, reagindo aos elementos para efetivação da religiosidade exclusivamente digital.

Nesta análise, queremos observar como a comunidade Nova Semente, que fica no centro de São Paulo e pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia, se aperfeiçoou por meios técnicos ao longo das transmissões. Conforme informado em postagens no perfil da congregação no *Instagram*, a Nova Semente optou pela reabertura apenas em março de 2022, quando considerou que o momento era seguro para promover encontros presenciais. Para esta comunicação, serão analisadas a materialidade de transmissões da principal reunião da comunidade, que acontece aos sábados pela manhã.

Desde o primeiro serviço religioso exclusivamente digital, que aconteceu em março de 2020, a Nova Semente apresentou grandes transformações na plástica de suas transmissões. Como plástica, nos referenciamos a discursos visuais, expressões artísticas e midiáticas que formam textos visuais, construídos por arranjos estruturais particulares de seu sistema com as suas regras (QUEIROZ, 2020 apud OLIVEIRA, 2004, p. 12), onde no próprio objeto visual é possível identificar a existência de um contexto (QUEIROZ, 2020, p. 93).

A princípio, é perceptível o desconforto do pastor da localidade com as formas de interação estipuladas pelo meio no qual mediava o encontro. “Eu não sei muito bem como funciona, mas me pediram para você curtir, compartilhar e ativar o sininho”, uma das falas recorrentes nas primeiras transmissões. Apesar da presença do telão, para compartilhar alguns conhecimentos, o pastor optou em colocar um cavalete com folha branca para escrever pontos importantes da mensagem. Um comentário observado em um dos vídeos que usa a técnica do cavalete, o usuário pede que o pastor use a projeção pois facilitaria a visualização do conteúdo e seria algo mais didático. Além disso, os textos bíblicos são lidos e não projetados, as músicas possuem a letra na tela, porém, disponibilizada como uma janela no canto direito, um tanto desproporcional esteticamente. No mês de abril de 2020, os slides com os textos lidos no sermão e as letras das músicas tocadas são inseridas na transmissão. “Obrigada por colocar legenda no louvor, agora dá pra acompanhar e louvar também”, diz um dos comentários na transmissão.

Em novembro de 2020 ocorre uma virada plástica nas transmissões. No campo reservado para descrição do conteúdo, informações intencionais de engajamento são compartilhadas: redes sociais da igreja, forma de doar, links úteis, decupagem do conteúdo. Agora, o início da transmissão é antecedido por uma vinheta de abertura,

contagem regressiva para o início da programação. O início da transmissão começa em outro espaço da igreja: logo na porta, como se estivesse simulando a entrada dos fiéis ao templo. Na tela ao lado do apresentador são mostrados elementos gráficos com redes sociais e site. Um chamado ao engajamento de forma natural, confortável e nativo da plataforma. Os louvores são legendados de forma simétrica, no centro da tela, na parte inferior. É acrescentado também um dinamismo no jogo de corte de câmeras para ambientes diferentes da igreja. Os aspectos visuais acrescentados na transmissão são úteis para criar uma nova experiência para quem está consumindo este formato de celebração. O comentário em uma das transmissões com esta nova plástica cita que “ficou muito legal isso que vocês fizeram de que ao passar o mouse na timeline aparece a programação. <3 e na legenda ter também os tempos”, ou seja, um recurso acrescentado dividindo a programação em tópicos, deixando na mão do usuário o controle do conteúdo a ser assistido após transmissão ao vivo, favorecendo a recepção deste ritual para a audiência.

Nesta fase, entra em cena uma estética de engajamento e persuasão vista principalmente no ofertório digital. O ato de dizimar é materialmente emblemático nos rituais religiosos presenciais. Mas, durante a exclusividade digital religiosa em decorrência da pandemia, o chamado ao engajamento e participação na entrega dos dízimos foi adaptado a elementos gráficos na tela, como o uso do QR Code - código de barras para escaneamento -, informações para Pix disponibilizadas estrategicamente de forma que não cobrisse o ministrante ou grupo de louvor. O QR code, um elemento gráfico que nasce na cultura digital, materializou o ritual da passagem das salvas para o recolhimento de dízimos e ofertas. Isso são recursos de mídia hiper-afetivos, materializados no meio e atribuídos para tocar as pessoas de maneira imediata (MEYER, 2006, p. 153).

Até março de 2022, esta comunidade evangélica vivenciou os rituais de forma exclusivamente digital. Desde a virada plástica nas transmissões, a estrutura da transmissão permaneceu a mesma, oferecendo um ambiente propriamente digital, se apropriando de recursos tecnológicos e da plataforma para aperfeiçoar a transmissão e a experiência de quem vivenciou a religião por meio destas transmissões. Pela observação dos vídeos do canal da igreja no Youtube, após a reabertura do templo, houve um reajuste da disposição física do local para atender novamente o público presencial, diminuindo espaço de palco, estrutura de luz e anulando as interações em ambientes diferentes da igreja. A contagem regressiva, vinheta para abertura, informações complementares da descrição do vídeo e elementos de engajamento participativo como

a letra das músicas, projeção de slides de conteúdo e texto bíblico, além da dinâmica do ofertório permanecem como antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta comunicação buscou trazer, por meio da perspectiva material e da reflexão do lugar da tecnologia na experiência religiosa, como a presença de elementos nativos do contexto da cultura digital transformaram a experiência da comunidade Nova Semente. Campbell (2021) nomeia o fenômeno que faz interagir tecnologia, mídias e religião como religião digital, na qual as esferas religiosas presenciais e remotas se misturam no espaço tecnológico. Ainda aponta que a religiosidade no contexto digital são práticas que carregam certa vivacidade, longe de ser uma simples comunicação. Ao que foi analisado, o uso do recurso de transmissões on-line durante a pandemia de covid-19 foi além de uma mera instrumentalidade. Pelo contrário, a tecnologia possibilitou novas experiências religiosas, como o uso de códigos como o QR Code e ações focadas ao engajamento e participação do público, elementos da cultura digital que, aplicados ao contexto religioso, tornam-se elementos da cerimônia, ou seja, elementos de uma religiosidade encarnada em recursos tecnológicos, materializando o transcendental por meio de formas gráficas, plásticas e tecnológicas.

Assim, religião, mídia e tecnologia não estão em uma espaço de disputa, mas interseccionados transformando as formas de conexão com o transcendental. Elementos plásticos visuais serviram como textura para promover o envolvimento no período de religiosidade exclusivamente digital. Esses elementos não são da cultura material sólida da religião, mas elementos de sentido que transformam a experiência e conectam com o sagrado. Mostrando, mais uma vez, que as mídias e a tecnologia são capazes de mudar o ambiente e promover novas experiências.

A pandemia acelerou inúmeros processos e promoveu reflexões importantes, como, por exemplo, a forma que as religiões encaram o uso das tecnologias e mídias digitais nas suas ritualidades. Mesmo que diversas congregações já utilizassem o recurso de transmissão dos cultos, ao concentrar todos os trabalhos religiosos no digital, adaptações tecnológicas foram necessárias para melhor comunicação com o público espectador.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. C.; SBARDELOTTO, M. **Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de católicos e luteranos no Brasil**. PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 43–60, 2021.

AGUIAR, C. E. S. **A Sacralidade Digital: as religiões e religiosidades na época das redes**. São Paulo: FAPESP : Annablume, 2014.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPBELL, A. H. **The Distanced Church: Reflections on Doing Church Online**. Editado por Heidi Campbell. College Station, TX.: Network for New Media, Religion & Digital Culture Studies/Texas A&M University, 2020.

_____. **Revisiting the distanced church**. Editado por Heidi Campbell. College Station, TX.: Network for New Media, Religion & Digital Culture Studies/Texas A&M University, 2021.

CAMPBELL, A. H.; TSURIA, R. **Digital religion. Understanding Religious Practice in Digital Media**. 2ª ed. Routledge, 2021.

CARP, R. M. **Teaching Religion and Material Culture**. Teaching Theology and Religion (Vol. 10, No. 1, 2-12) (ISSN: 1368-4868) Wiley Blackwell [The definitive version is available at www3.interscience.wiley.com].

EVOLVI, G. **Religion and the internet: digital religion, (hyper)mediated spaces, and materiality**. *Z Religion Ges Polit* 6, 9–25 (2022).

GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (Orgs.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019, 334pp.

HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. In.: *Scientia e Studio*. São Paulo, v. 5. n. 3, 2007, p. 375-398.

MEYER, B. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. **Campos - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 145-164, dez. 2015. ISSN 2317-6830.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** (Understanding media). 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

PETERS, J. D. **The Marvelous Clouds : Toward a Philosophy of Elemental Media.** Chicago: University of Chicago Press, 2015. 416 pp.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel, 1994.

QUEIROZ, E. N. **A identidade plástica de José Joaquim da Veiga Valle.** 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

RIBEIRO, B.G. **O Estudo da Cultura Material: Propósitos e métodos.** In: Revista do Museu Paulista. Nova série - XXX. São Paulo, 1985.

SOUZA, P. R. **Religião material: o estudo das religiões a partir da cultura material.** 2019. 189 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

STRATE, L; BRAGA, A; LEVINSON, P. **Introdução à Ecologia das Mídias.** Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.